O processo de ditongação sob a perspectiva da fonologia gerativa - aspectos sobre variação lingüística[1]

Patrícia Graciela da Rocha[2]
Rodrigo Acosta Pereira[3]

Resumo: Partindo de um panorama gerativista de análise, o presente trabalho estudará o processo de ditongação acerca das considerações teórico-aplicadas da Dialetologia/ Geolingüística que busca estudar as línguas, entre outras perspectivas, no seu aspecto diatópico (espacial). Sob esse escopo do Gerativismo e da Geolingüística, o trabalho tem como objetivo (a) apresentar posições teóricas e metodológicas da abordagem gerativista em fonologia; (b) discutir o processo de vocalismo ou ditongação de forma introdutória, revisitando aspectos conceituais do Gerativismo; (c) fazer um mapeamento do fenômeno no estado de Santa Catarina através dos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul) e (d) propor discussões finais sobre o assunto.

Palavras-chave: Ditongação. Variação. Fonologia Gerativa. Geolinguística.

---

[1] Trabalho desenvolvido na disciplina de Fonologia I sob orientação da Profª Drª Teresinha Moraes Brenner no programa de Pós-graduação da UFSC.

[2] UFSC/CNPq.
[3] UFSC/CAPES.

Introdução

Diversas são as discussões acerca do vocalismo ou ditongação nas pesquisas em Fonologia. O Estruturalismo sob a perspectiva mattosiana apresentou diferentes perspectivas conceituais e metodológicas com relação ao processo fonológico de vocalismo. A perspectiva estrutural compreendia que a fonologia de uma língua apresentava-se como a descrição de seu sistema fonológico, que consistia num inventário de fonemas e de seus alofones, registrados ambos em uma única análise. Quanto aos fonemas, estes consistiam em uma série de características articulatórias relevantes e necessárias para a produção de seus alofones e dedutíveis do contraste entre membros de um par mínimo de palavras. Segundo o estruturalismo, há, pois**,** oposições distintivas, que permitem distinguir as palavras, por meio de traços pertinentes.

Diferentemente da abordagem estrutural, Chomsky e Halle (1968) trouxeram um novo panorama conceitual e metodológico para a Fonologia – o gerativismo. O Enfoque gerativista defendia a tese de que o objetivo principal da gramática de uma língua é dar conta da competência de um falante/ouvinte ideal, gerando todas as expressões gramaticais da língua e apresentando a cada uma delas, uma descrição em termos universais de seus elementos e das relações entre elementos dela mesma (INTRONO, 1995).

Partindo, portanto, de um panorama gerativista de análise, o presente trabalho estudará, especificamente, o processo de ditongação sob o prisma das considerações teórico-aplicadas da Dialetologia/Geolingüística[4] que busca estudar as línguas, entre outras perspectivas, no seu aspecto diatópico[5].

Sob esse escopo do Gerativismo e da Geolingüística, o trabalho tem como objetivo (a) apresentar posições teóricas e metodológicas da abordagem gerativista em fonologia; (b) discutir o processo de vocalismo ou ditongação de forma introdutória, revisitando aspectos conceituais do Gerativismo; (c) fazer um mapeamento do fenômeno no estado de Santa Catarina através dos dados do ALERS[6] e (d) propor discussões finais sobre o assunto.

---

[4] Geolingüística é um método de pesquisa usado preferencialmente pela Dialetologia.

[5] Variação lingüística no espaço (geografia).

[6] ALERS - Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul.

O referencial teórico será baseado em Andrade (1994); Chomsky (1970); Chomsky e Halle (1968); Cagliari (2002); Hernandorena (1999); Introno (1995); Sanford (1975) e Silva (2002).

A Fonologia Gerativa

Aspectos Introdutórios

A Fonologia Gerativa postula uma classificação universal única dos sons da linguagem humana baseada em traços distintivos que expressam fundamentalmente propriedades articulatórias, mas**,** às vezes, acústicas e perceptuais, presentes ou ausentes nas unidades fônicas. Os mesmos traços definem as representações fonológicas que, graças a elas, se organizam em classes de acordo com sua manifestação em um determinado traço *ou* não. Com base em Introno (1995) podemos, dessa forma, apontar que o objetivo da Fonologia Gerativa não é **o** de fazer um inventário dos fonemas de uma língua, mas **o** de gerar as expressões fonéticas possíveis de uma língua, partindo de uma representação subjacente das mesmas. A estas representações se aplicam regras que expressam relações gerais entre tais perspectivas subjacentes e as representações fonéticas resultantes.

Sob esse parâmetro, Chomsky e Halle (1968) argumentam que a teoria dos traços distintivos deve ser universal e restritiva, ou seja, deve haver uma descrição em termos universais dos elementos e das relações entre os elementos em uma dada gramática de uma língua. Silva (2002, p. 190) acerca do Gerativismo na Fonologia afirma que

> o componente sonoro, que tinha um papel preponderante na análise lingüística, passa a ser visto apenas como parte integrante do mecanismo lingüístico. O componente sintático passa a ser o foco da análise lingüística. A proposta de análise gerativa assume a noção de processos transformacionais. A fala é gerada a partir de transformações impostas a representações subjacentes. As representações subjacentes pretendem espelhar o conhecimento lingüístico internalizado que o falante tem de sua língua. As representações subjacentes relacionam-se à competência lingüística.

Dessa forma, o enfoque gerativista enfatiza a competência em oposição ao desempenho. Introno (1995) discute que,

com base em Chomsky (1970), por competência, compreende-se que o falante sabe e deve saber quais são os elementos fônicos com caráter distintivo de sua língua; todo falante sabe quais são as representações mentais desses sons.

Além disso, segundo o Gerativismo, o falante sabe quais são as características articulatórias das representações mentais e de cada som; o falante conhece o inventário léxico-morfológico de sua língua e quais são as variantes dos morfemas de sua língua. Em síntese, para Chomsky e Halle (1968), o falante sabe pronunciar e interpretar foneticamente todas as orações possíveis de sua língua. Sob esse ângulo, para dar conta da competência, todo falante, para Chomsky e Halle (1968) deve (a) determinar as características articulatórias, acústicas e perceptivas dos segmentos fonêmicos e fonéticos; (b) estabelecer as características fonêmicas dos morfemas da língua; (c) elaborar as regras que dêem conta da relação entre os segmentos fonêmicos e seus segmentos fonéticos correspondentes; (d) elaborar as regras e procedimentos que podem dar conta das realizações fonéticas e das operações possíveis da língua (INTRONO, 1995).

Chomsky (1970, p. 65) ao discutir a natureza da estrutura das descrições e propor suas definições e métodos acerca da gramática gerativa, afirma que

> a gramática gerativa consiste de um componente sintáti***ca*** que gera redes de formativos e de especificações das características e inter-relações de uma estrutura; um componente fonológico, que converte essa rede de formativos com uma estrutura sintática específica em uma representação fonética e um componente semântico que assimila a interpretação semântica da rede de formativos com uma estrutura sintática específica.[7]

Com isso, com base em Chomsky (1970) e retomando as argumentações de Introno (1995), podemos compreender que a Teoria Fonológica Gerativa tem o intuito de definir as características do componente fonológico da gramática, estabelecendo os termos universais dos traços fonológicos distintos e apresentando os tipos de regras suscetíveis das fonologias particulares.

Assim, ao determinar os procedimentos e as condições de aplicação das regras de maneira que estas possam aplicar-

[7] Tradução do autor.

se para gerar as expressões fonéticas, permite oferecer mecanismos para selecionar as melhores hipóteses para cada língua, ou seja, permite elaborar as fonologias particulares (fonologia das línguas particulares).

Dessa forma, poderíamos entender que o objetivo central da Fonologia Gerativa é estabelecer as características gerais de uma teoria lingüística que se defina a partir da relação entre fonologia e os outros componentes da gramática. É definir um conjunto de traços distintivos suficientemente elaborado e explícito, mas ao mesmo tempo restritivo. De acordo com Hernandorena (1999, p. 15)

> as linhas gerais da teoria fonológica gerativa foram apresentadas por Chomsky e Halle em 1968 com a publicação de *The Sound Patterns of English* (SPE). O componente fonológico é, então, definido como a parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática. Nesse sentido, a gramática gera um número infinito de sentenças, cada uma delas com sua representação semântica e fonética. Portanto, a correspondência som-significado é definida pela gramática da língua.

Em síntese, as regras fonológicas são expressas em termos de categorias fonológicas. Essas regras, com base em Introno (1995), são de três tipos – elisão, substituição e inserção, além das regras de redundância. O modelo da SPE também propõe que as regras se apliquem segundo certa ordem extrínseca, definida pelo mesmo contexto das regras e de maneira cíclica, até cobrir toda a estrutura sintática da expressão. Hernandorena (1999) ao retomar posições teóricas de Chomsky e Halle (1968) postula que se torna fundamental diferenciar o modelo gerativista do estruturalista pelo fato de que este torna a relação entre a representação fonológica e a produção fonética mais abstrata. Além disso, o modelo do Gerativismo elimina o nível fonêmico, "para o modelo gerativista, o 'traço' é a unidade mínima que tem realidade psicológica e valor operacional" (p. 16).

Os Traços Distintivos no Modelo da SPE

No Estruturalismo, Jakobson (1972) introduziu a idéia de fonema como um conjunto de traços distintivos. Na Fonologia gerativa a mesma noção sofre determinadas reconstruções com base na proposta de Chomsky e Halle (1968) em *The Sound Patterns of English* (SPE).

Na Fonologia Gerativa, a noção de fonema perde a relevância e é a noção de 'traço distintivo binário' que predomina. Chomsky e Halle (1968) propõem um conjunto de traços baseados nas características articulatórias, acústicas e perceptuais. Contudo, sua intenção não se limita a oferecer um sistema de traços, posto que para os autores esse sistema forma parte de uma teoria fonológica, que por sua vez, forma parte de uma teoria lingüística (INTRONO, 1995).

Os traços distintivos são apresentados nesse modelo como propriedades mínimas, de caráter acústico e que constituem os sons da língua. Hernandorena (1999, p. 17-18) discute como os traços distintivos são caracterizados no nível fonético e no nível fonológico, que assim poderia ser esquematizado:

TABELA 1

Nível Fonético	Nível Fonológico
Os traços são caracterizados como escalas físicas que descrevem aspectos do evento da fala e podem ser tomados independentemente, seja do ponto de vista da produção ou do ponto de vista da representação perceptual. Nesse sentido, a sonoridade, por exemplo, que é um aspecto que pode ser isolado no evento da fala e que, portanto, é codificada como traço [sonoro], corresponde a uma escala que se estende desde o maior até o menor grau de sonoridade. (p. 17)	Os traços são marcos classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua. Nesse nível, os traços captam os contrastes fonológicos da língua. Por terem função classificatória, distintiva, os traços são binários no modelo de Chomsky e Halle (1968), isto é, cada traço é definido por dois pontos na escala física, representando um a presença, e o outro, a ausência da propriedade. Tomando-se, como exemplo, a sonoridade, tem-se a representação no nível fonológico com apenas dois valores [+ sonoro] e [- sonoro]. (p. 17-18)

Traços Distintivos nos Níveis Fonéticos e Fonológicos de acordo com Hernandorena (1999) com base no SPE de Chomsky e Halle (1968).

Sob esse escopo, podemos compreender que**,** por apresentarem função classificatória, distintiva, os traços binários com base no modelo de Chomsky e Halle (1968) definem-se por dois pontos na escala física, representando um a presença, o outro, a ausência da propriedade.

Hernandorena (1999) apresenta os traços que têm se utilizado para a descrição do Português em (a) Traços de Classes Principais, que abarcariam soante, silábico e consonantal; (b) Traços de Cavidade, que definem-se em coronal, anterior, alto, baixo, posterior, arredondado, nasal e lateral; (c) Traços de Modo de Articulação, que apresentam traços denominados de contínuo, metátese retardada e tenso; (d) Traços de Fonte que são o sonoro e o estridente e (e) Traços prosódicos – acento, tom e duração.

Segundo a autora, deve-se observar que Chomsky e Halle (1968) chamam a atenção para o fato de que a subdivisão dos traços apresentada foi elaborada com propósitos explicativos e que esses próprios traços distintivos mostrarão "estar organizados em uma estrutura hierárquica que pode parecer-se com a estrutura que nós lhe impusemos por razões puramente explicativas" (CHOMSKY E HALLE, 1968, p. 300). Embora o modelo de Chomsky e Halle (1968) tenha se apresentado como o representante de um dos mais completos tratamentos dos traços distintivos, fonólogos e foneticistas sugeriram muitas modificações à proposta inicial. Hernandorena (1999, p. 28-29) assim sintetiza essas propostas de revisão:

TABELA 2

Proposta 1	No SPE os autores substituíram o traço [vocálico] pelo traço [silábico]. Ao constatarem que as línguas comumente reúnem os segmentos em dois grupos, vogais e não-vogais, verificaram que os traços [consonantal] e [vocálico] redundantemente registram esse fato, não podendo explicar, no entanto, a restrição silábica CVCV, ou seja, não explicitando que tipo de segmento pode ocupar o pico da sílaba.
Proposta 2	Em se tratando do objetivo de estabelecer adequadamente classes de segmentos, o modelo de Chomsky e Halle (1968) falha por não poder relacionar consoantes labiais como [p, b, m], que são [+ ant, -cor] e [-arr], com consoantes labializadas como [tw] e [kw], que são [+arr]. Falha também em mostrar a relação entre consoantes labiais e vogais arredondadas, uma vez que as primeiras são [-arr] e as últimas [+arr].

Proposta 3	Outro aspecto tem sido discutido referentemente ao modelo de Chomsky e Halle (1968) que diz respeito à binaridade dos traços fonológicos
Proposta 4	Dois outros pressupostos muito criticados no modelo são as caracterizações dos segmentos como colunas de traços distintivos desordenados e a relação de bijectividade entre o segmento a matriz de traços que o identifica.

Propostas de Revisão ao Modelo de SPE de Chomsky e Halle (1968)a partir das discussões de Hernandorena (1999).

Essas posições de reestruturação apresentam-se como reformulações coerentes ao modelo e sua posterior revisão. Embora a teoria do SPE representasse um avanço para pesquisas e estudos fonológicos, muitos aspectos foram retomados e revisitados com o intuito de apresentar explicações mais adequadas. È sob essa perspectiva que Chomsky e Halle (1968) com o *The Sound Patterns of English* (SPE) propuseram um sistema de revisão dos traços distintivos.

O Processo de Ditongação e os Ditongos no Português Brasileiro (PB) – Inter-relações Constitutivas

Hernandorena (1999, p. 36 *apud* BISOL, 1999) discute o processo de ditongação, apresentando a inserção de um glide entre duas vogais em vocábulos, como na exposição da regra abaixo:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{siláb} \\ -\text{cons} \\ -\text{post} \end{bmatrix} \Big/ \begin{bmatrix} V \\ -\text{alt} \\ -\text{post} \\ +\text{ac} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} ____ \end{bmatrix} \begin{bmatrix} V \\ -\text{alt} \\ +\text{post} \end{bmatrix}$$

Sanford (1975) postula que as vogais acentuadas e tensas são freqüentemente fortes; dessa forma, as vogais fracas geralmente sofrem fenômenos de síncope ou redução e as fortes sofrem processos de ditongação. O autor apresenta uma exemplificação com base no romanço na qual o /*e*/ e o /*o*/ do latim transformam-se em ditongos em certas ambiências.

Por sua vez, a ditongação em Italiano dá-se quando a vogal apresenta-se tônica em sílaba aberta – *e* torna-se *ye* e *o* em *wo*. “O glide que surgiu tem o mesmo grau de

posicionamento posterior e arredondamento que a vogal seguinte" (SANFORD, 1975, p. 86). Vejamos na tabela abaixo:

TABELA 3

Latim	Italiano	Tradução em Português
wénet	vyéne	vem
mélem	myéle	mel
bóna	bwóna	boa
nówa	nwóva	nova

Ocorrências da Ditongação em Latim e Italiano com base em Stanford (1975).

Segundo o autor, em Inglês, as vogais tensas /i/, /e/ e /o/ são freqüentemente, sob o horizonte fonológico, ditongos. Vejamos:

TABELA 4

i	[iy]
e	[ey]
o	[uw] [ow]

Glides em Inglês baseado em Stanford (1975).

Após considerações breves sobre o processo de ditongação, a discussão direciona-se à conceituação de ditongo no PB e nas variações de uso da língua. Bortoni-Ricardo (2004) apresenta algumas considerações teórico-aplicadas acerca da ditongação e sua correlação com a variação lingüística. A autora discute a tendência de ditongos reduzidos no Português do Brasil (PB) como na fala das palavras *limoeiro* e *deixei*. Vejamos:

TABELA 5

Limoeiro	*Deixei*
"o sufixo 'eiro' é pronunciado quase sempre 'ero'. Os ditongos *ei* e *ai* seguidos dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/ tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /e/ e /a/.	'nesta forma verbal, o primeiro ditongo /ei/ foi reduzido a /e/, como em *limoero,* que já vimos. Observe que em deixei o ditongo que está na sílaba átona pré-tônica foi reduzido, mas o mesmo ditongo que está na sílaba tônica final se

Limoeiro	*Deixei*
Exemplos: cade(i)ra, be(i)jo, ribe(i)ra etc. Todos esses são traços graduais. (p. 54)	preservou. De fato, os segmentos fonológicos das sílabas tônicas tendem a ser mais resistente a mudanças fonológicas. No entanto, o ditongo /ou/ reduz-se a /o/ tanto em sílabas átonas não-finais, quanto em sílabas tônicas não-finais e finais. Veja: outro > otro; outono > otono; entrou > entrô. Se compararmos então o que está acontecendo com o ditongo /ei/ e com o ditongo /ou/, vamos concluir que a regra de redução do ditongo /ou/ se aplica a uma gama maior de ambientes do que a regra de redução do ditongo /ei/. Isso é um indicador para nós de que a primeira já está mais avançada no processo de evolução da língua que a segunda. (p. 56)

Especificações do Processo de Redução do Ditongo na Variação Lingüística do PB com base em Bortoni-Ricardo (2004).

Bisol (1999) ao propor observações teóricas e analíticas a respeito do ditongo, revisita proposições de Câmara Jr (1969, p. 54) as quais retomam que "os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato" (p. 111). Segundo a autora,

> [...] não há ditongo crescente. A seqüência VV (glide-vogal) é o resultado da ressibilação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. (BISOL, 1989 apud BISOL, 1999, p. 111).

Para a autora "o principal argumento diz respeito ao fato de a seqüência glide e vogal estar normalmente em variação livre com a vogal alta correspondente" (p. 111).

Observamos no quadro:

TABELA 6

quiabo	[ki'abu ~ 'kjabu]
iate	[i'atʃi ~ 'jatʃi]
suar	[su'ar ~'swar]
oeste	[u'ɛstʃi ~'wɛstʃi]
uirapuru	[uirapuru ~wirapu'ru]

Ressibilação Pós-lexical dos Ditongos com base em Bisol (1999).

Quanto aos ditongos, Bisol (1999) recupera suas afirmações de que a seqüência consoante velar/glide posterior é "remanescente do grupo latino [kw]/[gw], do qual a língua revela forte tendência de libertar-se" (p. 111-112). A autora propõe a visualização, por exemplo, dos vocábulos abaixo:

TABELA 7

quociente	cociente
quotidiano	cotidiano
quatorze	catorze
quotizar	cotizar

Ditongos e Seqüência velar/Glide Posterior baseado em Bisol (1999).

Em síntese, Bisol (1999) revisa postulações acerca da seqüência consoante velar + glide posterior seja apresentada no léxico como uma unidade monofonemática /k^{w}/ e /g^{w}/.

Com relação aos ditongos decrescentes, Bisol (1999) discute que devemos atentar para questões das quais a semivogal se ocupa na sílaba. Segundo a autora, essa observação foi sugerida por Câmara Jr. (1982) na qual este autor analisa se o padrão dos ditongos decrescentes seria VC ou VV.

Bisol (1999) afirma que "para Camara Jr., a questão não envolve apenas alternativas de expressão, mas sim, análises diferentes, porque VC pressupõe uma sílaba travada, enquanto VV é uma sílaba aberta" (p. 112). Camara Jr. (1982 apud BISOL, 1999) afirma que as semivogais são de natureza vocálica e ocupam com a vogal silábica um núcleo da sílaba e não comutam com consoantes, mas o ditongo inteiro comuta com a vogal simples. Para Bisol,

> [...] nos ditongos decrescentes, a semivogal ocupa

> a posição da consoante, conseqüentemente fica na coda da sílaba. [...] Os ditongos decrescentes formam-se ainda no componente lexical enquanto os ditongos crescentes se formam no componente pós-lexical.Por outro lado, aqueles ditongos decrescentes que passam a monotongos são analisados como ditongos leves [...] (BISOL1989, apud BISOL, 1999, p.113)

Com base nessas categorizações teórico-metodológicas de Bisol (1999), podemos observar como alguns ditongos apresentam variações com monotongos e outros não.

A autora propõe que entendamos que os ditongos decrescentes (como exemplificado abaixo na Tabela 8, Coluna 1) são ditongos leves, ligados a um único elemento V, ao passo que os demais (dispostos na Tabela 8 – Coluna 2) são os verdadeiros ditongos, ligados a dois elementos V. Vejamos:

TABELA 8

Coluna 1	Coluna 2
peixe	pauta
ameixa	reitor
caixa	coitado

Ditongos Leves e Verdadeiros - Exemplificações baseadas em Bisol (1999).

Após a explanação e apresentação de referenciais teórico-metodológicos, passaremos à apresentação e discussão da metodologia e à análise da amostra com base nos dados coletados e organizados pelo projeto Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Percurso Metodológico do Processo de Análise da Ditongação

Os dados das análises serão retirados do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), o qual busca apresentar uma pesquisa de cunho dialetológico para organizar e sistematizar dados de conversações e de questionários fonético e morfossintático entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

O método usado pelo ALERS é o da Geolingüística Tradicional que não se interessa em captar o problema da mudança lingüística nesta etapa de investigação. No entanto, as conseqüências positivas que a cartografia teve na solução ou confirmação de alguns processos históricos demonstram que o interesse existiu, embora fosse impossível captar essa mudança em um único informante. Dessa forma, opta-se em usar os dados do Atlas em Santa Catarina para demonstrar como o processo de ditongação ocorre em situações de uso real da fala nesse estado.

Os dados serão analisados estatisticamente através de percentuais simples, levando em consideração a ditongação e a não-ditongação, assim como a palatalização das vogais em palavras como *cruz, paz, três e dez*. Segue abaixo a tabela com os símbolos usados para representar o processo de ditongação nas palavras acima citadas.

TABELA 9

Paz	as; ays/ays/ayʃ; aʃ; az.
Cruz	us; uys; uz; os/ɷs; uʃ; uyʃ.
Três	eys/eys; es; eyʃ/eys e eʃ.
Dez	ɛys/ɛys; ɛs; ɛyz; ɛyʃ; ɛʃ e ɛz.

Símbolos utilizados para a representação dos dados do ALERS.

Os percentuais produzidos nesse trabalho foram produzidos através do programa SPDGL Pluri 2.0 (2004), criado pela Profª Drª Hilda Gomes Vieira, o qual gerou também os mapas utilizados para uma melhor visualização geográfica dos dados.

Descrição dos Dados

Os vocábulos serão analisados com base na regra geral abaixo apresentada. Constata-se que a regra considera a ditongação sob a perspectiva de assimilação[8].

$$[ø] \longrightarrow [y] \ / \ [V___[S]\#]$$

[8] Assimilação ocorre quando um som torna-se mais semelhante ao outro, que lhe está próximo, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha. (CAGLIARI, 1998 p. 99).

Percebe-se que essa regra aplica-se a vocábulos oxítonos, isto é, relacionando a tonicidade com a epêntese do glide, a ditongação ocorre em vocábulos oxítonos e em monossílabos tônicos.

Estudos recentes em Fonologia do PB têm apontado o processo recorrente da epêntese com a vogal /i/, o que se verifica, em adição, nos dados dessa pesquisa. Sob essa perspectiva, a epêntese vocálica (CAGLIARI, 1997: 75) tem como objetivo principal inserir um som vocálico na estrutura silábica, formando ditongos. Dessa forma, observa-se que a epêntese se dá pela inserção de um segmento e esse processo fonológico é motivado pela necessidade de se atingir uma sílaba menos complexa ou padrão que seja aceitável de acordo com a estruturação fonológica do PB (CAGLIARI, 1997). Além disso, o autor afirma que no PB, as vogais altas, aquelas que possuem menor grau de abertura, são as mais propensas à epêntese. No PB o /i/ e o /u/ aparecem como vogais preferenciais em processos de epêntese, embora somente o /i/ atue mais preferencialmente.

Sob esse escopo de ditongação por epêntese vocálica, Benayon (2006) observa que outra condição para o processo fonológico de epêntese ocorrer no PB se dá em função do licenciamento prosódico (COLLISCHONN, 1999). Segundo Benayon (2006), o que seria mais importante a considerar é a conseqüência que esse princípio suscita, posto que é por meio dele que a teoria da sílaba se desenvolve, postulando que a seqüência fonológica sempre está subdividida em sílabas (o que significa, em conjugação, dizer que todo o segmento deverá estar ligado a uma sílaba) (COLLISCHONN, 1999).

Assim, para os casos em que o segmento viola o licenciamento prosódico, existem dois mecanismos de ajuste que impedem a violação: a epêntese (processo fonológico de investigação dessa pesquisa) e o apagamento. Benayon (2006, p. 60) afirma que "a epêntese é o acréscimo de um segmento para evitar que um outro segmento fique desassociado". Dessa forma, esses mecanismos têm a função de ajustar a estrutura silábica, a fim de que não haja a violação do princípio de licenciamento prosódico.

Em síntese, os vocábulos a serem analisados nessa pesquisa apresentam regras de epêntese de glide que ocorrem em contextos de vocábulos oxítonos ou monossílabos tônicos seguidos de /s/.

Vejamos a análise da epêntese que processa a ditongação nos vocábulos selecionados abaixo. A partir disso, primeiramente, visualizemos a matriz fonológica com o processo de ditongação no vocábulo *cruz* e o respectivo mapa lingüístico de Santa Catarina com a distribuição geográfica e as diferentes realizações deste vocábulo.

TABELA 10

[cruz] → [kruys]

[u]	→	[u] [y]	V1_____	[S]	#
+ silábico + recuado + arredondado + alto - anterior - coronal	→	- silábico + alto - tenso + álveo-palatal - anterior + coronal		- silábico - alto + tenso + alveolar [9] + anterior + coronal + sibilante	

Processo de Ditongação do Vocábulo *cruz*.

MAPA 1



Realização da palavra *cruz* pelos falantes da área rural do estado de Santa Catarina.

Visualizemos o processo de ditongação fonológica no vocábulo *paz* e o respectivo mapa lingüístico de Santa Catarina com a distribuição geográfica e as diferentes realizações deste vocábulo.

[9] [S] = fricativa surda. É + alveolar em sílaba tônica.

TABELA 11

[paz] → [pays]			
[a]	→	[a] [y]	V1 ____ [S] #
+ silábico		- silábico	- silábico
+ recuado	→	+ alto	- alto
- arredondado		- tenso	+ tenso
- alto		+ alveolopalatal	+ alveolar
-anterior		- anterior	+ anterior
- coronal		+ coronal	+ coronal
			+ sibilante

Processo de Ditongação do vocábulo *paz*.

MAPA 2



Realização da palavra *paz* pelos falantes da área rural do estado de Santa Catarina.

Visualizemos a matriz fonológica com o processo de ditongação no vocábulo *três* e o respectivo mapa lingüístico de Santa Catarina com a distribuição geográfica e as diferentes realizações deste vocábulo.

TABELA 12

[três] → [treys]

[e]	→	[e] [y]	V1_____[S]	#
+ silábico		- silábico	- silábico	
- recuado	→	+ alto	- alto	
- arredondado		- tenso	+ tenso	
- alto		+ alveolopalatal	+ alveolar	
- anterior		- anterior	+ anterior	
+coronal		+ coronal	+ coronal	
			+ sibilante	

Processo de Ditongação do vocábulo *três* sob o escopo do Gerativismo.

MAPA 3



Realização da palavra *três* pelos falantes da área rural do estado de Santa Catarina.

Visualizemos a matriz fonológica com o processo de ditongação no vocábulo *dez* e o respectivo mapa linguístico de Santa Catarina com a distribuição geográfica e as diferentes realizações deste vocábulo.

TABELA 13

[dez] → [dɛys].

[ɛ]	→	[ɛ] [y] V1 _____ [S] #
+ silábico		- silábico
- recuado	→	+ alto
- arredondado		- tenso
- alto		+ álveo-palatal
- anterior		- anterior
+ coronal		+ coronal
		- silábico
		- alto
		+ tenso
		+ alveolar
		+ anterior
		+ coronal
		+ sibilante

Processo de Ditongação sob o escopo Gerativista

MAPA 4



Realização da palavra *dez* pelos falantes da área rural do estado de Santa Catarina.

Discussão dos Dados e Considerações Finais

Como podemos observar ao longo da apresentação das matrizes fonológicas e mapas geolingüísticos, os vocábulos *paz, cruz, três* e *dez* apresentam-se com contextos favoráveis à ditongação. Essa ditongação ocorre por meio do processo de assimilação por epêntese, ou seja, por adição de fonemas a que as palavras podem estar sujeitas à medida que uma língua sofre mudanças.

Nos casos descritos acima, há acréscimo de um ou mais fonemas ao interior do vocábulo, como ocorre, por exemplo, em outras vocábulos do PB tais como diacronicamente aconteceu no vocábulo *area* (português arcaico) = *areia*

(português moderno); *moĩo* (português arcaico) = *moinho* (português moderno) e *avea* (português arcaico) = *aveia* (português moderno).[10]

Quanto ao fator étnico, percebemos que em determinadas zonas de Santa Catarina – principalmente de colonização açoriana – esses vocábulos também proporcionam a redução de ditongo e a palatalização. No entanto, estes fenômenos não são objetos de investigação deste estudo.

Podemos visualizar no mapa (1) as realizações do vocábulo *cruz* pelos falantes rurais de Santa Catarina. Amalgamando os dados e desconsiderando a palatalização e não-palatalização do [S] final, podemos constatar que 47,5% dos entrevistados realizam alguma forma de ditongação nesta palavra.

Observa-se que o processo de ditongação ocorre nas áreas litorâneas do estado, na região central e no oeste, principalmente nos locais onde não há contato direto com o RS e com a área central do PR. Esse fenômeno é freqüentemente explicado pelo fato de a região litorânea ser de colonização açoriana cujos processos de palatalização e ditongação ocorrem com freqüência nos tipos de vocábulos como os da amostra.

Com relação ao vocábulo *paz,* podemos visualizar no mapa (2) a ocorrência de 42,5% de ditongação predominantemente nas regiões litorâneas assim como ocorreu com o vocábulo *cruz.*

No vocábulo *três,* podemos visualizar no mapa (3) a predominância da ditongação em 87,5% das ocorrências e com casos isolados de palatalização e de não ditongação, o que aponta pra uma possível mudança na fonologia desse vocábulo. O mesmo fenômeno ocorre com *dez*, em que 87,5% dos falantes pesquisados realizaram ditongação, como podemos visualizar no mapa (4).

Verifica-se, portanto, que há uma tendência no PB em ditongar vocábulos nesses contextos fonológicos com exceção do extremo sul do Brasil, de acordo com os dados do ALERS, onde se realizam [cruz], [paz], [três], [dez].

Quantitativamente, averigua-se que os vocábulos *cruz* e *paz* não sofrem tanto o processo de ditongação pelos falantes

[10] Exemplos retirados do www.wikepedia.com.br, acesso em 10/09/2007.

de Santa Catarina quanto os vocábulos *três* e *dez*. Esta constatação pode estar relacionada com parâmetros socioculturais e histórico-geográficos da região, posto que ao norte da região sul, o mesmo processo não ocorre.

Fonologicamente observa-se que a epêntese ocorre com o acréscimo da vogal /i/ a qual processa a ditongação por epêntese. Este é um fenômeno contrário ao da assimilação total, uma vez que consiste na adição de sons no interior da cadeia sintagmática. Quando diz respeito à inserção de vogais, a epêntese é observada no PB freqüentemente na inserção de sons do /i/ e do /u/, com inserção com maior freqüência do /i/.

Podemos entender que o /i/ é mais propenso a ser vogal epentética nos casos dos vocábulos analisados com base nos dados do ALERS. Assim, o processo de ditongação por epêntese ocorre porque há uma inserção de som vocálico da semivogal /i/ à vogal anterior da sílaba, por exemplo, [dɛys].

Outra questão relevante a ser observável é a relação de epêntese com a tonicidade, posto que os vocábulos que sofrem ditongação por epêntese são aqueles oxítonos ou monossílabos tônicos seguidos de /s/.

Portanto, percebe-se que a ditongação por epêntese a partir do acréscimo do /i/ nos vocábulos analisados ocorre a partir de um processo de ditongação variacionista, considerado não apenas sob o contexto segmental, mas também por fatores lingüísticos de tonicidade. Os resultados referentes às amostras analisadas indicam a freqüente propensão do /i/ em ditongação por epêntese no estado de Santa Catarina (SC) em contextos de vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos. Nota-se, portanto, que o fator de tonicidade é um favorecedor para o processo de ditongação por epêntese, já que o ambiente tônico parece suscitar o acréscimo da vogal epentética /i/ nos vocábulos em análise.

A partir dessas constatações foram desenvolvidas as seguintes conclusões da pesquisa: (a) a ditongação por epêntese ocorre a partir de fatores de tonicidade em contextos de vocábulos oxítonos e monossílabos tônicos seguidos de /s/; (b) a ditongação por epêntese ocorre a partir de fatores fonológicos em contextos de inserção da vogal epentética /i; (c) a propensão de ocorrência de vogal epitética é do /i/ em relação a ocorrências com a inserção da vogal /u/; (d) nos contextos variáveis dos ditongos [uy], [ay], [ey], [ɛy] espera-se que o uso da forma variante seja mais freqüente, já que é

também a forma mais usada na maioria das regiões do estado de SC e (e) a ditongação variacionista ocorre por diversos fatores geolingüísticos tais como regionalização dos falantes e aspectos culturais de seu espaço/comunidade social.

Em suma, ao longo da pesquisa, procurou-se observar o processo de ditongação variacionista por epêntese vocálica no estado de SC sob o escopo da Teoria Gerativista que se caracteriza pela sistematização de regras fonológicas para a explicação de processos. Sob essa perspectiva, observou-se, em adição às conclusões postuladas acima, que a representação do *input* (representação fonológica) é única e categórica, posto que os *outputs* (diferentes possibilidades das formas que aparecem na estrutura superficial) não são gerados por meio de acúmulos de processos fonológicos, mas são selecionados e sistematizados nas ocorrências de ditongação variacionista a partir de um conjunto de *outputs* pré-definidos.

Além disso, a pesquisa procurou recuperar discussões, sob o âmbito gerativo-transformacional, acerca da determinação do que realmente seria inato e do que, por sua vez, seria afetado pelo uso (o caso da ditongação variacionista). Com isso, observou-se a sistematização do *input* em relação às diversas realizações do *output* (as ditongações variacionistas) na tentativa de encontrar respostas para o desenvolvimento lingüístico ao que concerne à ditongação variacionista em vocábulos do PB. Complementando essa conclusão, recupera-se o estudo de Benayon (2006) que percebeu que o falante "não abstrai do *input* variável (fala) uma representação única e categórica, ao contrário, desenvolve um sistema em que a freqüência do uso possui uma função crucial" (p. 35-36).

Diante desses resultados, a presente pesquisa chama a atenção para o estudo de Bonilha (2003; 2004) acerca dos ditongos do PB. Segundo a autora, o processo de ditongação estaria inter-relacionada às diversas variáveis, dentre elas o ponto de articulação e a altura da vogal base. Partindo desse pressuposto, para Bonilha (2003; 2004) os ditongos de vogais baixas seriam processados primeiro, depois seriam os com vogais médias baixas, em seguida os com vogais médias altas e, no final, os com vogais altas. Com base nessas considerações e revisitando os resultados das análises dos vocábulos *cruz, paz, três e dez*, podemos perceber que a ocorrência da ditongação variacionista no PB ocorreria a partir da seguinte

escala de freqüência [ay] → [aw] → [ɛw] → [ɛy] → [□ y] → [ey] → [ew] → [oy] → [iw] → [uy].. O que percebemos é que a ditongação variacionista do vocábulo *paz* é a primeira a ser favorável á epêntese nas realizações por falantes do estado de SC, seguido da ditongação variacionista dos vocábulos *dez, três* e *cruz*.

Dessa forma, constatou-se que o modelo gerativista de análise consegue dar conta de explicar por meio das regras expostas como ocorre a ditongação variacionista por falantes de diversas regiões de SC.

Abstract: *Based on a generative approach of linguistic analysis, the present work aims at studying the vocalism process concerning the theoretical and methodological considerations of Geolinguistics. Upon this context, the work objectives to (a) present theoretical and methodological patterns to analyze phonological processes through generative approach; (b) to discuss the vocalism process by visiting conceptual aspects of Generativism; (c) to show a mapping of vocalism phenomenon in Santa Catarina State throughout ALERS data bank and (d) to propose final consideratio*ns.

Key Words*: Vocalism. Variation. Generative Phonology. Geolinguistics*.

Referências

ALERS. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*. KOCH, W; KLASSMANN, S; ALTENHOFEN, C.V. (orgs.). Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002.

ANDRADE D', E. Sobre a Notação em Fonologia Gerativa. In: ANDRADE D', E. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri, 1994.

BISOL, L. *O ditongo da perspectiva da fonologia atual.* D.E.L.T.A. Vol. 5, nº 2, pp. 1885-224, 1989.

_____. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.

BENAYON, Aline Rodrigues. *A Emergência de Padrões Fonológicos: A Aquisição dos Ditongos Decrescentes Orais*

do PB. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

BONILHA, G. F. G. *Aquisição da estrutura silábica do português: uma análise dos ditongos orais decrescentes*. In: D. da Hora & G. Collischon (orgs.), *Teoria Lingüística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora da UFB, 2003, pp. 39-53.

_____. *Sobre a aquisição do núcleo complexo*. In: Lamprecht, Regina Ritter. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 113- 127.

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em Língua Materna – A Sociolingüística na Sala de Aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Fonologia do Português: análise pela Geometria de Traços.* Campinas: Edição do Autor, 1997.

CAGLIARI, L.C. *Análise Fonológica*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MATTOSO CAMARA Jr., Joaquim. *Problemas de Lingüística Descritiva.* Petrópolis: Vozes. 1969.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1982.

CHOMSKY, N. *Current Issues in Linguistic Theory*. Paris: Mouton, 1970.

CHOMSKY, N; HALLE, M. *The Sound Pattern of English.* New York: Harper and Row. Boston: MIT Press, 1968.

HERNANDORENA, c.l.m. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

INTRONO D'. F. *et alii*. *Fonética y Fonología Actual del Español*. Madrid: Cátedra, 1995.

JAKOBSON, N. *Fonema e Fonologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

SANFORD, S. *Fonología Generativa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.